

Verbos de movimento e configuradores espaciais

JOSÉ TEIXEIRA

(Instituto de Letras e Ciências Humanas - Universidade do Minho)

As configurações espaciais que as unidades linguísticas permitem, envolvem necessariamente marcadores, ou seja, elementos que sirvam de referência às localizações. É inadmissível imaginar que se pode localizar algo sem ser relativamente a uma outra realidade.

Há, portanto, pelo menos duas entidades em qualquer sistema de localização espacial: a que se localiza, e a que serve de referência para a localização.

Varia, no entanto, a denominação atribuída a estas entidades. Talmy utiliza *figure/ground*, traduzido por *figura/fundo* (por exemplo em Batoréo, 1996) ou por *figura/base* (Cifuentes Honrubia, 1989), *objecto localizante/ objecto localizado* (Döpke-Schwarze), *trajector/landmark* (Hawkins, Langacker), *cible/site* (Vandeloise) ou ainda *reference object/located object* (Herskovits).

Estes marcadores ou configuradores espaciais, que são facilmente identificados quando se trata de localizações através de preposições ou advérbios, envolvem problemas mais complexos para a categoria verbo.

Segundo Talmy, a estrutura que configura uma espacialização verbal de movimento, acarreta para além da dupla *figura/fundo*, uma **deslocação** e um **percurso**.⁽¹⁾

Sem negar que o movimento verbal engloba estas vertentes, defendo, no entanto, que a configuração espacial do verbo também se pode reduzir aos marcos *figura/fundo*, sendo, como é compreensível, este último marcador mais complexo do que os presentes numa localização estática.

Admita-se, tal como explicitamente faz Vandeloise (1986:34) que a figura (que denomina "cible") é o sujeito da relação espacial. O fundo é, naturalmente, a espacialidade em que essa mesma figura se move. Nos verbos, este fundo pode não ser apenas um ponto no espaço; pode nem sequer ser uma série de pontos, mas todo um intervalo espacial cruzado pela categoria tempo. Neste caso, o **percurso** não é mais que a interacção entre o sujeito e o fundo, e a **deslocação** o nome de todo o processo (já que uma **deslocação** exige

um **sujeito** que se desloca, um **fundo** espacial em que se processa a deslocação, e a interacção **sujeito/fundo**, que constitui o **percurso** ocorrido nesse mesmo fundo).

Há, conseqüentemente, que ter em atenção que numa espacialização verbal, muito mais do que simples marcadores estáticos, como as preposições ou advérbios, funciona todo um modelo imagético em que o verbo ocupa lugar de destaque. As unidades lexicais, por mais exactos marcadores espaciais que sejam, não actuam isoladamente. Há sempre um modelo mental a considerar. E muitas vezes não nos damos conta da importância que o significado do verbo tem para o rearranjo do modelo, atribuindo aos localizadores espaciais relações sémicas infiltradas pelo verbo.

A este respeito é sintomático o exemplo apresentado por Vandeloise (1986:36) que recuperando um outro exemplo de Talmy, apresenta as seguintes frases:

- 1) la bicyclette est près de la maison
- 2) ? la maison est près de la bicyclette

Vandeloise pretende demonstrar que a aceitabilidade da segunda frase ("? la maison est près de la bicyclette") é muito menos frequente e exige um contexto como, por exemplo, o de um ciclista que na estrada furou um pneu num dia de chuva e que se encontra a pouca distância de sua casa. Neste caso, e é isto onde Vandeloise quer chegar, esta relação *cible/site* já é aceitável pela noção de caminho potencial: o que o ciclista terá de percorrer a pé para casa.

Até aqui, tudo bem e nada de especial.

No entanto, ao tentarmos traduzir esta frase para português, o problema não está no localizador *près*, mas no verbo. Temos três escolhas possíveis. Para além da dupla *ser/estar*, para traduzirmos *être*, ainda existe *ficar* (facto que muitos dicionários não registam). Deste modo, na situação em questão seria bastante mais provável dizer-se

- 3) A casa fica perto da bicicleta.
- do que
- 4) A casa é perto da bicicleta .
- 5) A casa está perto da bicicleta.

A opção por *ficar*, que o português apresenta como possível, é nesta situação a mais adequada, já que enquanto *être* é um verbo copulativo e o par *ser/estar* praticamente também o é, o verbo *ficar* é nitidamente um verbo locativo, como os dicionários registam: "Deixar-se estar num lugar; permanecer"⁽²⁾; "Permanecer ou continuar num lugar"⁽³⁾. Daí que represente muito melhor um estado de coisas que pretenda esquematizar uma distância, um caminho potencial a percorrer. Se Vandeloise traduzisse a frase/situação para português, veria que o uso de *ficar* é um argumento suplementar para a sua noção de "caminho potencial".

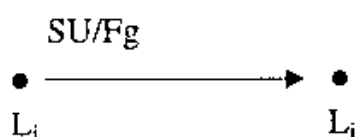
Sem querer fazer paradoxos, pode, portanto, dizer-se que *ficar* se enquadra no âmbito dos verbos de movimento. É o zero do movimento. Não o zero início de escala, mas o zero fim de escala para o qual o movimento tende. É o ponto final-fronteira do movimento.

Sob o conceito de "caminho potencial", transparece a importância que Vandeloise atribui ao movimento, mesmo numa configuração espacial aparentemente "estática". Uma frase como "*l'église est après le banc*", diz Vandeloise, só pode ser compreendida "par rapport au chemin potentiel du locuteur entre le banc et l'église", ou seja, através de um movimento, aqui lexicalmente inexprimido.⁽⁴⁾

Ora nos verbos de movimento, o movimento é, naturalmente, lexicalmente exprimido, o que, por conseguinte, vai introduzir idiossincrasias sobre o fundo espacial em que decorre o estado de coisas do mesmo verbo.

Note-se que num típico verbo deste grupo, como *ir*, há a figura (**Fg** = o sujeito verbal, alvo, *cible*) e, contrariamente a uma configuração espacial "estática", dois possíveis fundos (sítios, *sites*):

6) A Inês vai da sala para o jardim



Num estado de coisas como este, não há uma, mas duas localizações espaciais tópicas que referenciam o ponto inicial e o ponto final desse mesmo estado de coisas, pressupondo, naturalmente, todas as localizações intermédias entre a inicial [**Fg/Li**] e a final [**Fg/Lj**]. A noção de movimento da figura **X** não é mais do que a compreensão de sucessivas localizações de **X** em todos os fundos concebidos entre **Li** e **Lj**.

Torna-se claro, no entanto, que ao contrário do que acontece numa concepção matematizante, não há uma série infinita, ou mesmo muito longa, de configurações entre a figura **X** e os pontos de **Li** a **Lj**. A semanticidade verbal do movimento esquece-os todos e apenas focaliza os tópicos, o inicial e o final.

Pode-se então perguntar: Em verbos de movimento como este há uma infinidade de fundos, ou apenas dois, o fundo "início do movimento" e o fundo "fim do movimento"?

A resposta não pode escolher nenhuma destas hipóteses, já que, evidentemente, só há um fundo em cada localização espacial. E esse fundo é aqui constituído por todos os pontos de **Li** a **Lj**, considerados não discretamente, mas num contínuo de ocupação pela figura: por outras palavras, o fundo do movimento no espaço é, naturalmente, o espaço do movimento.

Mas não se pense que todos os verbos inscrevem os seus estados de coisas na relação figura-fundo da mesma maneira. Compare-se *ir* com um outro verbo a ele muito semelhante: *partir*.

Começemos por reparar que os dois verbos se podem comportar de forma diversa relativamente à extensão do intervalo *Li-Lj*, ou seja, à maior ou menor [longinquidade] que o estado de coisas do verbo admite como fundo. Não se pode dizer que haja uma oposição nítida entre *ir* e *partir*, já que enquanto *partir* concebe obrigatoriamente o intervalo *Li-Lj* como longo, tal não se passa com *ir*, onde o mesmo intervalo tanto pode ser longo como curto. Logicamente, há a possibilidade de os dois verbos, nesta faceta, se identificarem, já que ambos podem apresentar o referido intervalo como longo. Veja-se:

- 7) Ele foi para longe.
- 8) Ele partiu para longe.

No entanto, também não é difícil verificar que *ir* admite o oposto:

- 9) Na sala, ele estava na cadeira e foi para o sofá.

o que não pode acontecer a *partir*:

- 10) *Na sala, ele estava na cadeira e partiu para o sofá.

Há, no entanto, a possibilidade de construir frases como

- 11) Ele partiu para perto.

Se bem que não seja o emprego mais usual do verbo *partir*, é natural que um bom número de falantes considere esta frase aceitável. No entanto, uma análise mais atenta mostrará que, mesmo aqui, a faceta [longinquidade] é necessária para a compreensão do modelo que o estado de coisas do verbo comporta. Com efeito, devemos notar que o sintagma "*para perto*" vem anular o traço semântico presente, por inerência, no verbo *partir*. Vem anular e é, aliás, necessária a sua explicitação, já que sem ele funcionaria o referido traço [+longinquidade]. Numa frase como

- 12) Ele partiu.

o estado das coisas considerado englobará sempre a ideia de um termo distante, pelo menos na ordem da intenção. Frases como 11) ("*Ele partiu para perto.*") são possíveis, contudo, em contextos pragmáticos em que o locutor pretende dizer que a intenção do sujeito era a de ir para longe (= *partir*) tendo acabado, no entanto, por ficar por perto.

Há, ainda, outras realizações frásicas onde *partir* aparece nitidamente com [-longinquidade]:

- 13) O jogador partiu para a bola e chutou.

14) Ele partiu para o outro com intenções violentas.

O que aqui se passa é que há uma espécie de transferência sémica que leva a que o núcleo semântico (chamemos-lhe assim) de *partir*, que de si está ligado a [longinquidade do ponto terminal do movimento], passe, pela anulação deste traço, a focalizar a intencionalidade do movimento. O estado de coisas de *partir* faz com que a anulação de [+longinquidade] reforce a vertente [+intencionalidade]. Veja-se se não é o que acontece, comparando:

15) O jogador **foi** para a bola e chutou.

16) O jogador **partiu** para a bola e chutou.

17) Ele **foi** para o outro com intenções violentas.

18) Ele **partiu** para o outro com intenções violentas.

Podemos concluir, por conseguinte, que esta transferência sémica só é possível porque *partir* continua, no seu estado de coisas normal, com [+longinquidade]. Por outras palavras, o que se passa é que naquele uso específico a desfocalização deste traço se deve a uma maior focalização de um outro: o de [+intencionalidade].⁽⁵⁾

A maior oposição que estes dois verbos apresentam diz respeito, curiosamente à forma como o estado de coisas de cada um configura a [duratividade] da relação entre a figura (sujeito) e o fundo (intervalo **Li-Lj**).

Ir opõe-se a *partir* na medida em que o estado de coisas expresso por *ir* decorre num fundo temporal tido por não-momentâneo; durativo, portanto. O inverso para *partir*.

Contudo, poderá parecer contraditória esta análise, já que coloca aparentes incompatibilidades. Veja-se:

IR →[± longinquidade, +duratividade]

PARTIR →[+ longinquidade, -duratividade]

Em princípio seria mais lógico que um verbo que pudesse ter [-longinquidade] tivesse também [-duratividade]; por outro lado, um verbo que tem obrigatoriamente [+longinquidade] deveria ter [+duratividade]. Ora isto não se passa assim, porque os estados de coisas que estes verbos expressam perspectivam de maneiras diferentes o fundo da configuração espaço-temporal: o ponto de referência do início do estado de coisas (**Li**), o seu ponto terminal, (**Lj**) e a relação temporal (conceptual e não cronológica, claro) existente entre esses dois pontos (**Li** e **Lj**).

Assim, o estado de coisas expresso em *ir* exige **Lj** expresso, não se passando o mesmo em *partir*:

19) Ele foi ao Porto.

20) *Ele foi.

- 21) Ele partiu para o Porto.
 22) Ele partiu.

Por outro lado, o estado de coisas de *ir* desenrola-se num segmento que ultrapassa o *hic et nunc* do ponto de referência espaço-temporal; em *partir* o estado de coisas situa-se apenas nesse *hic et nunc*. Daí a conciliação de [-duratividade] com [+longinquidade], já que *partir* não engloba toda a linha espaço-temporal $L_i \rightarrow L_j$. Em esquema:

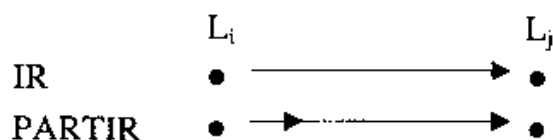


Fig. 2

Note-se que o dizer-se que tanto *ir* como *partir* exigem um L_j , ponto final da espacialidade abarcada pelo estado de coisas do verbo, não implica uma identidade de tratamento. Há, na realidade, diferenças no modo como o ponto terminal do fundo espacial é configurado por cada verbo.

Repare-se no esquema. Pretende ele representar que L_j é o ponto terminal do estado de coisas expresso por *ir*, enquanto em *partir* isso não acontece. Neste verbo, o L_j situa-se num ponto não realizado (pelo estado de coisas) da linha conceptual espaço-temporal. Um ponto sempre distante e que, ao inverso do que acontece em *ir*, não serve de ponto limite ao estado de coisas que o verbo expressa. Daí que, como vimos em 19)-22), se compreenda que *ir* exija sempre expresso, na realização, o argumento tido como "ponto terminal" (L_j), ao passo que *partir* não o exige.

Mesmo numa frase como

- 23) De Braga, ele partiu para o Porto.

o L_j *Porto* não pertence ao estado de coisas do verbo. Por outras palavras, o fundo espaço-temporal em que decorre *partir* não se prolonga até a "Porto", como é fácil admitir.

Conclui-se daqui que o fundo espacial se comporta de forma distinta nestes dois verbos aparentemente idênticos. Enquanto em *ir* ele é constituído por todo o intervalo entre L_i e L_j , em *partir* ele abarca apenas o espaço-tempo de L_i .

No verbo *chegar*, temos exactamente um processo simétrico relativamente a *partir*:



Fig. 3

Neste verbo, ao inverso de **partir**, o fundo espacial em que se move a figura-sujeito focaliza a fase terminal do movimento, e não a inicial. A ser assim, isto indicará, por conseguinte, que o fundo espacial em que o sujeito-figura se insere tem como ponto de referência nuclear um espaço-tempo posterior (**Lj**) relativamente a um anterior (**Li**).

Na realidade, *chegar* é para qualquer falante um verbo que tem muito mais a ver com a "aproximação" do que com "afastamento". Isto significa, conseqüentemente, que o seu **Pr** não pode ser o ponto do início do movimento total, pressuposto pelo estado de coisas do verbo, já que tal ponto de referência está muito mais afastado do sujeito-figura do que o ponto terminal (**Lj**) que o estado de coisas expressa. Assim sendo, se justifica que numa frase como

24) Ele chegou de França.

não pareça a ninguém que "*de França*" funciona como principal ponto de referência do movimento expresso pelo verbo *chegar*. O marco espacial de referência de *chegar* é nitidamente o espaço coincidente com o sujeito verbal no final do estado de coisas (do respectivo verbo). Isto equivalerá a dizer, segudo tudo parece indicar, que tal marco é **Lj** (local posterior) e não **Li** (local inicial). Mas, pode perguntar-se: com que lógica é que algo tido como "posterior" serve de referência a um estado de coisas que espacialmente se conceptualiza como, naturalmente, "anterior"?

Pensamos que a dificuldade se resolverá se perspectivarmos o estado de coisas do verbo através de uma leitura linguisticamente funcional e não lógica ou geométrica das noções espaço-temporais⁽⁶⁾. Nesta óptica, compreende-se que embora *chegar* pressuponha lógica e geometricamente dois pontos espaciais, o estado de coisas se centraliza no ponto final que funciona praticamente como o único ponto espacial onde decorre o estado de coisas do verbo. Quer dizer que este verbo apesar de lógica e factualmente pressupor um movimento de **Li** para **Lj**, funcionalmente faz ressaltar muito mais o ponto terminal do movimento, de tal modo que este passa a ser o ponto espacial estruturador de todo o estado de coisas: funciona portanto não apenas como o ponto de referência, mas como **único** ponto considerado.

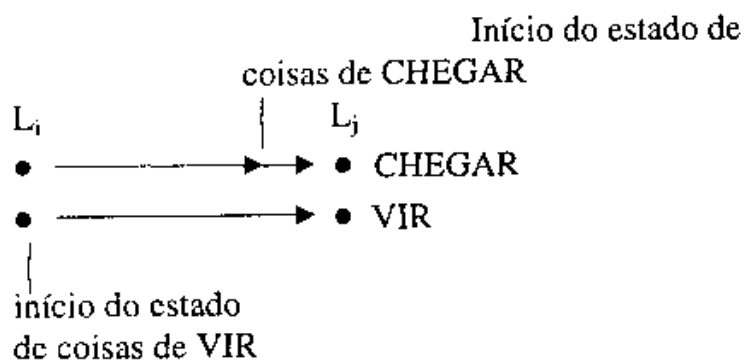


Fig. 4

Na realidade, como se depreende, em *chegar* **Li** e **Lj** coincidem, já que o estado de coisas do verbo não é durativo, como *vir*, mas pontual⁽⁷⁾.

Numa frase como

25) Ele veio de França.

vir começa a ser *vir* desde **Li** "França", mas numa frase como 24) (*Ele chegou de França*), *chegar* não começa a ser *chegar* desde o mesmo espaço. *Chegar* só começa a ser *chegar* no espaço terminal do movimento, que é o único segmento onde o estado de coisas deste verbo se insere.

Pelas comparações feitas entre *chegar* e *vir*, pode ter-se ficado com a ideia que o fundo espacial que este verbo manipula é simples: quando muito será o inverso de *ir*. Ora não é bem assim.

Ir tem, como vimos, como primeiro ponto de referência espacial (**Li**) o local do sujeito-figura, processando-se o movimento de afastamento a partir desse mesmo ponto (confer. figs. 1 e 2). Se em *vir* o processo fosse simplesmente o inverso, o movimento seria de aproximação ao mesmo **Li** do sujeito-figura:

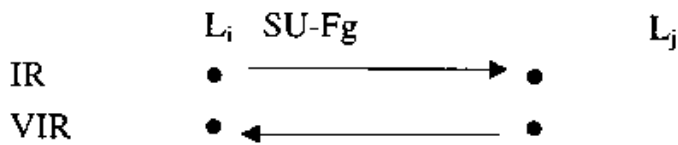


Fig. 5

Isto implica, por conseguinte, que **Li** do sujeito-figura verbal, ou seja, o local onde ele, sujeito, se encontra, não pode funcionar como ponto de referência da totalidade do movimento, já que é apenas a sua parte terminal. Além disso, não é sequer verdadeiramente **Li** porque não é o local **inicial** do movimento.

E assim não será difícil ver que *vir* tem como **Pr** não **Li** do sujeito verbal, mas **Li** da entidade responsável pela enunciação: do locutor ou sujeito da enunciação. Isto equivale a dizer que o ponto terminal do estado de coisas de *vir* (**Lj**) coincide com **Li** do sujeito da enunciação:

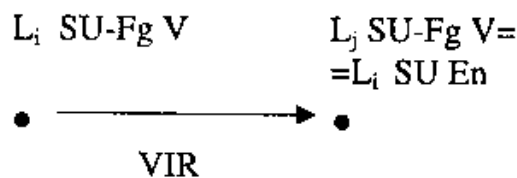


Fig. 6

Constata-se assim que quanto à espacialidade de fundo em que se move a figura verbal, o sujeito, *ir* e *vir* possuem estados de coisas díspares. Se para *ir* tal fundo abarcava todos os espaços entre **Li** e **Lj** do sujeito verbal, para *vir* engloba o espaço-tempo que vai

desde **Li** da figura verbal até **Li** do sujeito da enunciação, que terá forçosamente que coincidir com **Lj** do sujito-figura verbal.

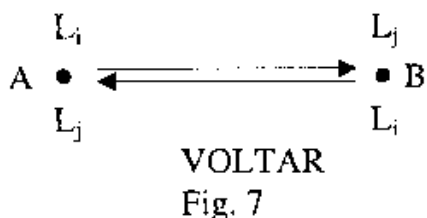
Por isso mesmo, é que a aceitabilidade das construções com *vir*, ao contrário de com *ir*, como todo o falante intui, depende da localização espacial do enunciador. Perante um locutor situado em Lisboa, por exemplo, a interpretabilidade de construções *ir/vir* pode variar nestes dois casos:

- 26) Ele foi de Faro para Braga.
- 27) ?Ele veio de Faro para Braga.

Voltar é, por sua vez, um verbo que, quanto à espacialidade de fundo em que a figura-sujeito se move, não é igual a *ir* nem a *vir*⁽⁸⁾. Assim sendo, o estado de coisas de *voltar* não espacializa o fundo da figura-sujeito entre dois pontos de referência, mas entre quatro. Ao inverso de *vir*, *voltar* não tem como ponto de referência qualquer local relativo ao sujeito da enunciação. Tudo se refere ao sujeito do estado de coisas, não por um movimento unidireccional, mas sim por um movimento perspectivado numa dupla e simétrica direccionalidade.

Na verdade, *voltar* indicia dois movimentos: de **A** para **B** e posteriormente de **B** para **A**. **A** funciona, por conseguinte, como **Li** do sujeito verbal e **B** como **Lj** no primeiro movimento pressuposto pelo verbo. No entanto, o estado de coisas de *voltar* engloba verdadeiramente apenas o movimento de **B** para **A**, movimento esse, contudo, dependente de um primeiro movimento de **A** (**Li** "primeiro", poderemos dizer) para **B** (**Lj** "primeiro" também).

Para simplificar, em figura:



Por aqui se vê como o ponto terminal (**Lj**) englobado pelo estado de coisas de *voltar* coincide com um primeiro **Li** pressuposto por esse mesmo estado de coisas.

Note-se que ao dizer-se que *voltar* apenas **pressupõe** o primeiro movimento de **A** para **B**, não se pode pensar que tal movimento não é necessário ao estado de coisas do verbo. É, e tem que o ser. É por isso que há diferença de interpretabilidade entre frases como

- 28) Ele voltou para onde já estivera há dez anos.
- 29) *Ele voltou para um sítio onde nunca tinha estado.

Veja-se, conseqüentemente, que o fundo espacial em que se move a figura-sujeito de *voltar* não engloba apenas um ponto de referência, mas quatro; não engloba somente um

movimento, mas dois, sendo a relação entre esses movimentos necessariamente coincidente no espaço.

Desta breve olhadela por alguns verbos que mais prototipicamente configuram o movimento, penso que pode concluir-se que a categoria verbo (mais concretamente, de movimento) se realiza numa esquematização que envolve uma relação entre uma figura-sujeito e um fundo espacial; que essa relação é mais complexa do que a verificada nas configurações objectuais e que todo o processo corresponde a um modelo mental que tem essencialmente como variáveis as várias formas de configurar a espacialidade constitutiva do fundo.

NOTAS:

(1) Talmy 1975:182

(2) Augusto Moreno, 1961, *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa*, 7ª ed., Editora Educação Nacional, Porto.

(3) Mário Vilela, 1991, *Dicionário do português básico*, Asa, Porto.

(4) Vandeloise 1986:36-37.

(5) Esta permuta entre [+intencionalidade] e outros traços no estado de coisas de certos verbos não é rara. Veja-se, também, a este propósito, a relação entre [intencionalidade] e [força] no verbo *investir* em José Teixeira, 1990.

(6) Reveja-se a este propósito o que Claude Vandeloise (1986:11-30) afirma acerca da descrição geométrica, lógica e funcional do espaço.

(7) Como afirma Mário Vilela, o movimento deste verbo "*est considéré sous un aspect ponctuel e non duratif: ce trait distingue CHEGAR de APROXIMAR-SE*" (Vilela, 1989:34)

(8) M. Vilela (1989:34) integra este verbo num grupo que designa como "*verbos ir/vir*": "*Les verbes de ce group préssupposent complémentairement le mouvement IR-VIR, en différents temps, où, dans leur définition-même, ils incluent simultanément les mouvements contenus dans IR-VIR*".

BIBLIOGRAFIA:

- BATORÉO, Hanna Jakubowicz, 1996, *Contribuição para a Caracterização da interface Expressão Linguística-Cognição Espacial no Português Europeu: abordagem psicolinguística da expressão do espaço em narrativas provocadas*, Dissertação de Doutoramento, F.L.U.L.
- CIFUENTES HONRUBIA, J.L., 1989, *Lengua y Espacio*, Universidad de Alicante.
- TALMY, L., 1975, "Semantics and Syntax of Motion", in John P. Kimball (ed.) 1975, *Syntax and Semantics*, vol.4, New York, Academic Press, 181-238.
- TEIXEIRA, José, 1990, *Verbos de Movimento Referenciado a um Sujeito*, Trabalho de Síntese para as PAPCC, Universidade do Minho, Braga.
- VANDELOISE, Claude, 1986, *L'espace en Français*, Seuil, Paris
- VILELA, Mário, 1989, "Contribution à l'étude des verbes de déplacement: approche sémantique et syntaxique", *Revista da Faculdade de Letras (Línguas e Literaturas)*, II série, vol.VI, Porto.